

## CULTURA GRÁFICA ESCOLAR: UM ESTUDO SOBRE OS TIPOS DE LETRAS EM CADERNOS DE ALUNOS EM FASE DE ALFABETIZAÇÃO (1930-2015)

Alessandra Silveira<sup>1</sup>;  
Eliane T. Peres<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [ale82amaral@yahoo.com.br](mailto:ale82amaral@yahoo.com.br)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [etperes@gmail.com](mailto:etperes@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

Escrever a mão é uma tarefa que requer habilidades específicas, que necessita o controle das mãos, dos braços, dos olhos, enfim de todo o corpo para se chegar ao traçado desejado ou estipulado pelos paradigmas em vigência do que significa “boa letra”. Os tipos de letras a ser dominado pelos alunos na escola é um debate histórico, que teve diferentes perspectivas teóricas e metodológicas ao longo dos tempos, que para se estabelecer supõem diferentes disputas sociais, pedagógicas, educacionais etc., que, ao se legitimar atingi uma determinada hegemonia.

Diante disso, o trabalho que apresento é parte de um estudo de doutorado que tem como objetivo principal analisar, nos cadernos de alunos em fase de alfabetização do período de 1930 a 2015 (do acervo do grupo de pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares - HISALES<sup>1</sup>), quais tipos de letras foram ensinadas durante essa fase específica da escolarização (período da alfabetização). E, assim, compreender como se constitui, ao longo de 85 anos, uma cultura gráfica escolar, especificamente no Rio Grande do Sul. Essa pesquisa visa contribuir com a história da educação e também com a história da alfabetização, principalmente do estado em questão.

Para desenvolver o estudo com os cadernos de alunos temos nos embasados principalmente nos seguintes autores: Chartier (2007), Hébrard (2007), Viñao Frago (2008), Castillo Gómez (2010), Gvirtz (1996) e Mignot (2008) entre outros. Esses autores tem nos auxiliado a problematizar o caderno escolar enquanto produto da cultura material escolar que auxilia a compreensão de aspectos do cotidiano da escola e “vivido” das salas de aula a partir dos registros dos alunos.

Para o aprofundamento teórico sobre os tipos de letras no processo de escolarização os autores de referência têm sido Vidal e Gvirtz (1998), Vidal e Esteves (2003), Faria Filho (1998), Peres (2003), Fetter (2011), entre outros. Esses estudiosos têm demonstrado em suas pesquisas que, por um longo período, mais especificamente até por volta de 1970, o ensino das letras, nas classes de alfabetização, pautou-se no emprego de técnicas bastante específicas, especialmente corporais que vão desde a maneira de sentar corretamente até a forma de segurar o lápis. Estavam em evidências, então, os modelos caligráficos *vertical*, *inclinado* e *muscular*<sup>2</sup> cada um deles defendido e sustentando por diferentes teóricos, os quais apresentavam as vantagens e as desvantagens para

<sup>1</sup> Grupo de pesquisa que está vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas (PPGE/FaE/UFPEL) cadastrado no CNPq desde 2006. Atualmente liderado pelas professoras Dr<sup>a</sup> Eliane Peres e a Dr<sup>a</sup> Vania Thies. Maiores informações em <http://wp.ufpel.edu.br/hisales/>

<sup>2</sup> De forma simplificada, os três modelos caligráficos investiam no tipo de escrita cursiva o que variava entre eles eram a inclinação da letra e as técnicas para o desenvolvimento da escrita.

os alunos e para a sociedade, além da eficiência de cada modelo deveria proporcionar uma escrita rápida, elegante e legível.

Essa hegemonia, sobre o melhor tipo caligráfico, é colocada em questão em diferentes momentos. Com o surgimento e expansão de uma nova tecnologia, a máquina de escrever, nos anos de 1950, segundo Peres (2003), o tipo de letra a ser ensinado aos alunos deveria ser o tipo *script*, se igualando aos caracteres da máquina. Nesse período, o RS adota esse modelo de letra na escola primária (PERES, 2003).

Já na década de 1980, com o advento do chamado construtivismo, com a divulgação das teorias da psicogênese da língua escrita (FERREIRO & TEBEROSKY, 1985), os discursos sobre o tipo de letra a ser ensinado na escola se alterou. Além disso, o uso e popularização de computadores e, ainda, o crescimento de políticas públicas educacionais para as classes de alfabetização, o PNAIC, por exemplo, recolocaram o debate do tipo de letra que os alunos deveriam aprender no início do processo de escolarização. Esses momentos não são estanques, muitas vezes eles se sobrepõem, porém apresentam características específicas sobre os tipos de letras a serem ensinados na fase de alfabetização dos alunos.

## 2. METODOLOGIA

Destacamos que este estudo supõe uma prática historiográfica (CERTEAU, 1982), que se caracteriza por construir e atribuir sentido a um determinado acontecimento ou artefato, o qual sendo visto fora da sua conjuntura não apresentaria uma informação relevante, pois necessita estar relacionado com o seu contexto.

Os cadernos de alunos que compõe este estudo são de diferentes décadas e pela pluralidade de registros neles contidos constituem uma fonte de pesquisa privilegiada, imbricada em uma cultura material escolar. Sendo assim, o primeiro investimento foi manuseá-los, folheá-los para “familiarização” com as fontes, que, aparentemente, são tão “comuns”.

Atualmente, o acervo de “cadernos de crianças em fase de alfabetização” é composto por 527 cadernos de alunos que vão desde a Educação Infantil até o 3º ano, dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. No entanto, para compor nosso *corpus* de análise tivemos que fazer algumas escolhas, sendo elas: i) optamos em analisar somente os cadernos dos alunos do Rio Grande do Sul, excetuando assim dezoito cadernos que são de outros estados da federação. ii) os trinta e sete (37) cadernos da Educação Infantil também não irão fazer parte deste estudo pelo fato de estar vinculada a primeira fase da Educação Básica, que conforme as Diretrizes da Educação Infantil (2010), legislação vigente, o foco deste período não pressupõe o ensino sistemático das letras, embora em alguns cadernos ele apareça.

Sendo assim, para o *corpus* deste estudo contamos, até o momento, com 472 cadernos de alunos em fase de alfabetização que datam de 1930 até 2015. O contato com os cadernos aconteceu de maneira cronológica, ou seja, dos mais antigos, os dos anos de 1930 até os atuais, com as seguintes questões: quais os tipos de letras (forma) aparecem nos cadernos de alunos do acervo de pesquisa do grupo de pesquisa HISALES? Há variações nas letras? Se há, quais são elas e quando acontecem?

A partir disso está sendo construindo um banco de dados com o registro dessas informações e também com imagens, com o intuito de, ao longo do

período estudado, verificar se há variações e em que medida elas têm relação com as vertentes teóricas de diferentes momentos históricos.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise ainda está em desenvolvimento e até o momento foram verificados os cadernos dos anos de 1930 até 2005, o que equivale a aproximadamente 200 cadernos de alunos. Diante disso, estamos construindo um quadro de periodizações que é definido a partir do tipo de letra mais evidente. Assim, consideramos que “(...) a periodização não é um simples ‘recorte’ temporal, como por muito tempo se acreditou. A definição de um período para estudo faz parte da configuração do próprio objeto” (LOPES; GALVÃO, 2001, p. 46).

Percebemos nos cadernos pesquisados que há compatibilidade entre os estudos teóricos e os tipos de letras ensinados na escola. Sendo assim, o primeiro levantamento de dados possibilitou construir uma periodizações com quatro (04) momento, quais sejam: 1ª) 1937-1943 – uso da letra do tipo cursiva (em todos os 04 cadernos do período); 2ª) 1949-1972: uso da letra do tipo *script* (são 22 cadernos em que podemos perceber uma “disputa” entre diferentes estilos de letras, a cursiva e a *script*, com predomínio da última em 15 cadernos dos 22); 3ª) 1979-1989: em todos os 18 cadernos desse período a letra do tipo cursiva é predominante (em dois cadernos aparecem esporadicamente a escrita do aluno em bastão, no entanto, essa é feita para destacar seu nome ou para enfatizar uma palavra ou frase curta); 4ª) 1990-2005: esta é a periodização com mais variações nos tipos de letras (nos 155 cadernos localizamos os seguintes casos: somente letra do tipo cursiva; com letras do tipo curisva e *script*; com letra do tipo cursiva e bastão<sup>3</sup>; com os três tipos de letra cursiva, *script* e bastão, somente letra do tipo bastão). Destacamos, contudo, para esse último período que, apesar da variação dos tipos de letras, a mais comum é a cursiva.

Estudar os tipos de letras presente nos cadernos dos alunos nos ajuda a entender a cultura manuscrita a partir de um artefato da cultura material escolar, o caderno, e, assim, temos a possibilidade de problematizar a aprendizagem, o ensino, os usos, os sentido de uma cultura gráfica do/no espaço escolar (PETRUCCI, 1986; HÉBRARD, 2000; CHARTIER, 2002). Para além disso, é possível estabelecer a aprendizagem e o traçado de diferentes letras que pressupõem a apropriação de normas e de competências estipuladas por diferentes paradigmas que estabelecem, hierarquizam, classificam quais saberes devem prevalecer e se legitimar na cultura escolar. Entre eles está o tipo de letra ou o “modelo caligráfico” de um determinado período.

### 4. CONCLUSÕES

Como já foi anteriormente afirmado, esse estudo ainda está em desenvolvimento. Primeiro, reafirmamos que compreendemos o caderno escolar, conforme Hébrard (2001, p. 135) como “prova irrefutável do trabalho realizado” (2001, p.135), ou pelo menos parte do trabalho realizado nas salas de aula do passado. Assim, partimos dele para entender as mudanças e permanências dos tipos de letras ensinadas aos alunos visando compreender a constituição de uma cultura gráfica escolar.

---

<sup>3</sup> Conhecida como a letra de imprensa maiúscula, porém no espaço escolar é denominada de bastão.

No levantamento de dados já realizado, estabelecemos, como indicado, quatro períodos para compreender essa cultura gráfica a partir de cadernos usados em escolas gaúchas. Para o primeiro período (1937-1945), percebemos que o predomínio da letra do tipo cursiva em todos os cadernos; para o segundo (1949-1972), vimos que há a disputa entre dois tipos de letras a cursiva e a *script*, com maior quantidade da última; no caso do terceiro (1979-1989), os dados indicam a predominância da letra cursiva; finalmente para o quarto (1990-2005), o período de maior dispersão dos tipos de letras. As conclusões parciais são de que embora as discussões teóricas e vigentes de cada época a letra do tipo cursiva tem se legitimado no espaço escolar.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASTILLO GÓMEZ, Antonio. *"Los cuadernos escolares a la luz de la Historia de la cultura escrita"*. J. Meda, D. Montino y R. Sani (eds.): School Exercise Books. A Complex Source for a History of the Approach to Schooling and Education in the 19th and 20th Centuries: Polistampa. 2010.
- CHARTIER, Roger. *Os Desafios da Escrita*. São Paulo ed: UNESP, 2002.
- CHARTIER, Anne Marie. *Práticas de leitura e escrita*. História e atualidade. Belo Horizonte: Autêntica. CEALE. Coleção Linguagem e educação, 2007.
- DE CERTEAU, Michel. A Operação Historiográfica. In: CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.
- FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Cultura e Prática Escolares: escrita, aluno e corporeidade. In: *Caderno de Pesquisa*, n.103, março de 1998.
- FETTER, Sandro. Modelos caligráficos na Escola Brasileira: uma história do Renascimento aos nossos dias. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Escola Superior de Desenho Industrial, 2011.
- GVIRTZ, Silvina. *Del curriculum prescripto al curriculum enseñado: una mirada a los cuadernos de clase*. Buenos Aires: Aique, 1996.
- HÉBRARD, Jean. Por uma bibliografia material das escrituras ordinárias: a escritura pessoal e seus suportes. In: MIGNOT, A. C., BASTOS, M. H. C., CUNHA, M.T. (org). *Refúgios do Eu: educação, história e escrita autobiográfica*. Florianópolis, 2000.
- \_\_\_\_\_. *A lição e o exercício: algumas reflexões sobre a história das práticas escolares de leitura e escrita*. In: Revista Educação Santa Maria, v.32 – n.01, 2007.
- LOPES, Eliane; GALVÃO, Ana Maria. *História e História da Educação*. Rio de Janeiro, D P e A, 2001.
- MIGNOT, Ana Chrystina (org). *Cadernos à vista*. Escola, memória e cultura escrita. Rio de Janeiro: Ed. EdUERJ, 2008.
- PERES, Eliane. O ensino da linguagem na escola pública primária gaúcha no período da renovação pedagógica (1930 - 1950). In: PERES, E., TAMBARA, E. (org). *Livros escolares e ensino da leitura e da escrita no Brasil* (séculos XIX - XX), Pelotas/RS: Seiva, 2003.
- PETRUCCI, Armando. *La scrittura*. Ideologia e rappresentazione. Turin: Einaudi, 1986.
- VIDAL, Diana; GVIRTZ, Silvina. *O ensino da caligrafia e a conformação da modernidade escolar*. Brasil e Argentina, 1880-1940. Revista Brasileira de Educação, n.8, mai/jun/jul/ago. 1998.
- VIDAL, Diana; ESTEVES. Modelos caligráficos concorrentes: as prescrições para a escrita na escola primária paulista (1910-1940). In: PERES, E., TAMBARA, E. (org). *Livros escolares e ensino da leitura e da escrita no Brasil* (séculos XIX - XX), Pelotas/RS: Seiva, 2003.
- VIÑAO, Antonio. Os cadernos escolares como fonte histórica: aspectos metodológicos e historiográficos. In: MIGNOT, Ana Chrystina (org.). *Cadernos à vista*. Escola, memória e cultura escrita. Rio de Janeiro: Ed. EdUERJ, 2008.